

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de S. Paulo Class.: Amazônia / Geral  
Data: 09/10/93 Pg.: 4-7 84

# Vem da floresta o Deus do século 21

*No próximo milênio, a nova crença não terá nada a ver com a teologia ou a filosofia: se chamará ecologia*

**ANTONIO CALLADO**  
Colunista da Folha

**O**s brasileiros em geral —e mesmo alguns brasileiros especiais, que eu admiro e que costumam pensar e escrever certo— tendem a achar que a preservação dos índios e do que resta de sua cultura não passa de um programa de índio. Na melhor das hipóteses acham que preservar selvagens num parque como o do Xingu é um gesto retórico e sem futuro nenhum. Na hipótese pior acham que com isto estaríamos querendo apenas criar jardins zoológicos com seres humanos do neolítico fazendo o papel de leões e girafas. Consideram, em suma, uma insensatez reservar áreas enormes do Brasil (áreas onde há até ouro) para que tribos de índios continuem vegetando, sorrindo seu sorriso alvar, e, num supremo esforço cultural, fazendo uns potes e panelas de barro, cocares de pluma e flautas de bambu durante o próximo milênio.

Eu peço, portanto, licença para lembrar que no próximo milênio, a nova, imperiosa, talvez única crença do homem não vai ter nada a ver com a teologia ou a filosofia: se chamará Ecologia. A Rio-92 foi uma espécie de concílio ecumênico e daqui em diante, cada vez mais, estou certo de que os homens se reunirão em torno de um altar vazio, ou cheio de plantas e bichos. Minha referência ao altar vazio é uma saudosa homenagem que presto a S. Paulo Apóstolo, que pregando entre os célticos atenienses constatou que o cansaço deles chegava ao ponto de manterem desocupado um altar, para algum deus desconhecido que acaso pintasse por ali. S. Paulo, naturalmente, disse que aquele era o altar do único Deus, o dele, crucificado havia pouco tempo.

Pois outro dia reuniu-se em Chicago o gigantesco Parlamento das Religiões do Mundo, que juntou sete mil representantes de tudo que é religião conhecida, do B de Budismo ao Z de Zoroastrianismo, e que passou despercebido no mundo inteiro. Enquanto a Rio- ou Eco-92 virou capa de revista e suplemento em tudo que era jornal, só vi o Parlamento em notícias e informes comédidos desta Folha e da revista "Time".

O documento básico do Parlamento das Religiões era da autoria do teólogo católico Hans Küng e tinha o nome de Declaração Ética Global. Criticava, sobretudo, "a violência sectária, as agressões ao meio-ambiente e a discriminação racial". Um S. Paulo apóstolo que estivesse presente veria logo o altar vazio do verdadeiro Deus, a Ecologia, com sua essência oculta no pecado novo, mortal, que é o pecado contra o meio-ambiente, a

ofensa ao todo-poderoso Environment.

Muito antes de começar a explorar, ele próprio, os astros, o homem já tinha desistido de fazer tantas perguntas ao céu. Voltou-se decidida e amorosamente para a Terra com os naturalistas dos séculos 18 e 19. Mas esse amor começou a virar paixão e fanatismo em dias recentes, ao entrarem os anos 60, digamos, com a publicação nos Estados Unidos de dois livros fundamentais, "Silent Spring", de Rachel Carson, e "Apologies to the Iroquois", de Edmund Wilson.

O comvente livro de Rachel Carson, denunciando o envenenamento da terra e portanto dos seres vivos pelos pesticidas e inseticidas, sobretudo o DDT, tocou e despertou o mundo inteiro. Quanto ao excelente livro de Wilson, ficou praticamente desconhecido. Era sobre o problema do índio. Programa de índio.

O título do livro de Edmund Wilson é o mais franco e humilde possível: "Desculpas aos iroqueses". Ele, Wilson, que elevou a crítica literária, que elevou a própria cultura americana ao nível do que havia de melhor na Europa, e que mediou forças com alguns dos gigantes do seu tempo, como Nabokov, pediu um dia desculpas aos índios e escreveu um importante livro sobre eles. É que, ao contrário da maioria dos nossos intelectuais, Edmund Wilson ficou um dia encabulado de ver como, morando em antigo território indígena, nada sabia sobre os donos originais do quintal de sua casa, no Estado de Nova York.

E, pondo de lado suas eruditas pesquisas sobre os pergaminhos do Mar Morto, tornou de novo viva, emocionante, a história dos iroqueses, que têm vários talentos, e uma reivindicação fundamental, que é a de todos os índios de todas as Américas: a de que respeitamos sua ligação de planta como solo em que vivem. Disse um dos iroqueses a Wilson: "Terra é feito mãe da gente. Mãe da gente não se vende". Acontece que os iroqueses representaram um curioso papel na construção propriamente dita dos Estados Unidos e do Canadá. Dotados de uma estranha qualidade de indiferença à altura, ou digamos, de imunidade à vertigem, ajudaram muito, como operários, na ciclópica faina de erguer pontes, viadutos, arranha-céus. Depois voltavam às suas aldeias, dirigindo belos carros e com um maço de dólares no bolso. Isto era a parte vital: voltavam às terras que as mulheres e os mais jovens tinham amanhado em sua ausência. Podiam, então, contar vantagens sobre o arriscado trabalho que faziam, flutuando sobre o abismo, enquanto os brancos olhavam,

sem acreditar no que viam. Por outras palavras repetiam, num tom novo, ancestrais vozes e costumes dos iroqueses que outrora voltavam de longos períodos de caça contando histórias incríveis de ursos e lobos. O que importava era a mesma terra, que eles, como os avós, tinham debaixo dos pés.

Não estou achando que ninguém deva escrever algum livro piedoso intitulado, por exemplo, "Perdão aos Ianomâmi". O que acho cada dia mais é que o Brasil, assim como os demais países da Bacia Amazônica, esse monstro de mais de 7 milhões de quilômetros quadrados de terra, 5 milhões dos quais no Brasil— deve defender a Amazônia como terra de índio e como floresta tropical.

Não há razão para que os índios, em sua terra legalmente demarcada e respeitada, não permitam que do seu subsolo retiremos —com cuidado e com respeito, com pinças quando for necessário— riquezas minerais, reparando lucros. Outra coisa não fazem, há séculos, no Brasil, ingleses, americanos, belgas, alemães, franceses. O que não devemos permitir, em nosso próprio interesse —nós e os demais povos amazônicos, que são o Peru, o Equador, a Bolívia, a Venezuela e as três Guianas— é que os índios sejam dizimados, escorraçados, mortos pois com eles morre a floresta.

Nós todos, países amazônicos, somos do segundo time mundial. Sem o milagre que uma Amazônia preservada poderá fazer por nós, jamais chegaremos à primeira divisão no mundo ecológico que ora se funda. Sem a fecundidade, sem a "originalidade" suntuosa que nos outorga a Amazônia, vamos, um dia, ser expulsos de lá. Os homens civilizados que adoram o deus Environment e a biodiversidade não vão permitir que levemos até o fim nossa esculhambada e corrupta administração desta nova Terra Santa que é a bacia amazônica.

O único verdadeiro profeta que já produzimos, Euclides da Cunha, resumiu para nós a noção de deslumbramento que nos comunica a Amazônia, e o temor de que não tenhamos, como povo, o vigor, a audácia de merecê-la como herança nossa. Primeiro o deslumbramento: "...a Amazônia é a última página, ainda a escrever-se, do Gênesis. (...) O triunfo virá ao fim de trabalhos incalculáveis, ao arrancarem-se os derradeiros véus da paragem maravilhosa". Depois o temor: "Ora, entre as magias daqueles cenários vivos, há um ator agonizante, o homem. (...) Sobre a terra farta e a crescer na plenitude risonha ha de sua vida, agita-se, miseravelmente, uma sociedade que está morrendo".

